



RENATA ELIAS DE SOUZA NASCIMENTO

**CONSUMO DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS ENTRE CRIANÇAS DE 2 A
5 ANOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

**LAVRAS - MG
2023**

RENATA ELIAS DE SOUZA NASCIMENTO

**CONSUMO DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS ENTRE CRIANÇAS DE 2 A
5 ANOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras
(UFLA), como parte das exigências
do curso de Nutrição, para a
obtenção do título Bacharel.

Profa. Dra. Lilian Gonçalves Teixeira
Orientadora

Ana Clara da Cruz Della Torre
Coorientadora

**LAVRAS - MG
2023**

RESUMO

Introdução: Recentemente passamos pela pandemia da COVID-19 que exigiu adaptações da sociedade. Com ela veio o isolamento social, o confinamento domiciliar além do medo de contrair a doença. Alterações alimentares também foram observadas durante esse período. Diante deste cenário surgiu a necessidade de avaliar o consumo de alimentos ultraprocessados pelas crianças que estavam em isolamento domiciliar. **Objetivo:** Avaliar o consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de 2 a 5 anos durante a pandemia da COVID-19. **Métodos:** Estudo observacional transversal parte de um estudo maior intitulado “Avaliação de hábitos de vida, hábitos e comportamentos alimentares durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, no público materno infantil no Brasil”, com coleta realizada no período de outubro e novembro de 2020, por meio da aplicação de questionários online para avaliar as mudanças na alimentação de crianças com idade entre 2 a 5 anos durante o isolamento social. A investigação sobre alterações no consumo de alimentos ultraprocessados durante a pandemia se deu pela aplicação de questões diretas que investigaram se a ingestão aumentou, diminuiu, não alterou ou se a criança não fazia consumo quando comparado ao período pré-pandemia. Os dados foram analisados no programa SPSS versão 20.0, tratados por meio de estatística descritiva estimando-se proporções. **Resultados:** Participaram do estudo 174 crianças, destas a maioria estava em isolamento social (53,4 % (n=93)). Observou-se que 36,8% (n=64) aumentaram o consumo de biscoito recheado, doces ou guloseimas durante o período pandêmico. **Conclusão:** Os dados revelaram um consumo marcante de todos os alimentos ultraprocessados pelo público infantil, com destaque para o aumento no consumo de produtos açucarados. Tais achados apontam para a necessidade de realização de ações de educação alimentar e nutricional que visem a promoção da alimentação adequada e saudável.

Palavra chave: COVID-19. Crianças. Alimento Processado. Isolamento Social. Consumo alimentar.

INTRODUÇÃO

A alimentação é uma necessidade básica do ser humano, necessária para obtenção de energia e regulação das funções vitais do organismo. É um processo que envolve ingestão de macronutrientes, vitaminas e minerais devendo ser empregado em variedade, moderação e equilíbrio para a promoção e manutenção da saúde. Além disso, a alimentação envolve diversos fatores relacionados à natureza física, econômica, política, cultural ou social, e que podem influenciar positiva ou negativamente o padrão da alimentação das pessoas (BRASIL, 2014).

Ao longo dos últimos anos, o padrão alimentar da população brasileira se alterou, essa alteração é caracterizada pela diminuição do consumo de alimentos *in natura* e minimamente processados e aumento da ingestão de produtos processados e ultraprocessados (SILVA et al. 2019).

As mudanças no padrão dietético repercutem numa dieta com maior densidade energética, associado a um aumento na ingestão de aditivos químicos, açúcar, sódio, gordura saturada e *trans* e à diminuição do consumo de fibras, o que favorece a ocorrência de condições crônicas não transmissíveis e o ganho de peso excessivo (MARTINS et al. 2013; CANELLA et al. 2014; LACERDA et al. 2020).

Em geral, os alimentos ultraprocessados (AUP) apresentam alta densidade energética, excesso de gorduras totais e saturadas, maiores concentrações de açúcar e/ou sódio e baixo teor de fibras. Ainda, têm por característica, devido a sua composição e a seu processamento, a hiperpalatabilidade, maior durabilidade e são prontos para o consumo. Dessa forma, têm uma ampla vantagem comercial quando comparados com os alimentos *in natura* ou minimamente processados, além de apresentar menor custo (SPARREBERGER et al. 2015)

Assim, apesar das recomendações atuais reforçarem o não consumo de AUP em todas as faixas etárias, sobretudo na primeira infância uma vez que hábitos alimentares adotados nesta fase irão se repercutir por toda vida, dados do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI, 2019) apontam que 93% das crianças com idade entre 24 e 59 meses, já consomem algum AUP (UFRJ, 2022; LANE et al. 2020).

A doença disseminada pelo Coronavírus (COVID-19), ou também conhecido como SARS- CoV-2, teve início no ano de 2019 com o primeiro caso registrado na China e logo se alastrou por todo o mundo, sendo caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia, em 11 de março de 2020. Trata-se de uma doença multissistêmica com graves consequências, levando a síndrome respiratória aguda e alto índice de morbidade e mortalidade, principalmente em pacientes com comorbidades (DE SOUZA et al. 2022).

A fim de conter o avanço do vírus, medidas de restrições foram implementadas pelas autoridades de cada país. No Brasil, em 6 de fevereiro de 2020, foi sancionada a Lei n 13.979, referente à medidas de enfrentamento da pandemia. Em meados de março foi instituída a quarentena, o uso de máscaras, distanciamento social, *lockdown* e fechamento das escolas, com o início do ensino de forma remota. Dessa forma, famílias foram submetidas ao isolamento social que refletiu em seu estilo de vida, trazendo consequências deletérias, atingindo também o público infantil (VALVERDE et. al. 2021).

O cenário pandêmico contribuiu para que o dia a dia das crianças, pautado por atividades de convívio, de lazer, ou de desporto passasse a ser de distanciamento dos amigos, dos professores, dos familiares (CAFFO; SCANDROGLIO; ASTA, 2020). Além disso, as crianças tiveram de enfrentar mudanças sociais relacionadas por exemplo com o desemprego dos cuidadores, com a nova rotina da vida familiar e com a diminuição de acessibilidade a serviços essenciais na comunidade (HOFFMAN; MILLER, 2020).

Ainda, outros fatores relacionados à restrição da mobilidade, foi a limitação na frequência de aquisição dos gêneros alimentícios, o que pode ter contribuído para o aumento no consumo de AUP, o aumento no tempo de uso de telas e a exposição ao *marketing* da indústria alimentícia. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020; VALVERDE et al. 2021; CUSCHIERI, 2020). Diante disto, o presente estudo teve como objetivo avaliar o consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de 2 a 5 anos durante a pandemia da COVID-19.

MÉTODOS

O presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “Avaliação de hábitos de vida, hábitos e comportamentos alimentares durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, no público materno infantil no Brasil”, com coleta realizada no período de outubro a novembro de 2020. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Lavras (CAAE: 37211320.8.0000.5148), sob o número de parecer 4.286.030. Trata-se de um estudo observacional transversal realizado por meio da aplicação de questionários online para avaliar as mudanças nos hábitos de vida, na alimentação e no comportamento alimentar de gestantes, nutrizes e crianças (0 a 5 anos) durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19. O questionário foi elaborado utilizando o Google Forms e o link de acesso foi divulgado para o público alvo (gestantes, nutrizes e mães/pais de crianças com 0 a 5 anos de idade) por meio de e-mail e redes sociais institucionais e privadas (Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter).

Para esta pesquisa, foi realizado um recorte amostral, utilizando dados apenas das crianças com idade entre 2 e 5 anos e seus respectivos responsáveis. Assim, considerou-se os seguintes critérios de inclusão: crianças com idade entre 2 e 5 anos de idade e seus respectivos responsáveis. Os questionários incompletos não foram excluídos, e foram considerados os dados coletados, portanto, não houve critério de exclusão.

Com relação a avaliação socioeconômica, foram coletados dados referente ao tempo de isolamento e se o isolamento era parcial, total ou até mesmo se as famílias não estavam fazendo nenhum tipo de isolamento, informações referentes a moradia, veículos de transporte, escolaridade do chefe da família e eletrodomésticos. Foi realizado o somatório das perguntas relacionados aos dados socioeconômicos das famílias e assim classificadas de acordo com a classificação de cortes do Critério de Classificação Econômica Brasil do ano de 2020, no qual as classes e a renda familiar média são: A (R\$22.716,99); B1 (R\$10.427,74); B2 (R\$ 5.449,60); C1 (R\$ 3.042,47), C2 (R\$ 1.805,91); D/E (R\$816,56) (MAZZON; KAMAKURA, 2016; PILI et al., 2020).

A avaliação do consumo alimentar foi realizada por meio de questões diretas comparando as mudanças no consumo de determinados alimentos antes e durante

a pandemia (aumentou/diminuiu/não alterou/não consumia). Investigou-se o consumo dos seguintes alimentos: hambúrguer e/ou embutidos (hambúrguer, presunto, mortadela, salame, linguiça, salsicha); bebidas adoçadas (refrigerante, suco de caixinha ou em pó, água de coco de caixinha, xarope de guaraná/groselha, suco de fruta com açúcar); macarrão (macarrão instantâneo, salgadinho de pacote ou biscoitos salgados); biscoito, chocolates, doces ou guloseimas (biscoito recheado, balas, pirulitos, chiclete, caramelo, gelatina); pizza (pizza, sanduíche, salgado).

Os dados coletados através do Google Forms foram exportados para uma planilha no Excel, posteriormente analisados no programa SPSS versão 20.0. Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva, estimando-se proporções centesimais.

RESULTADOS

Participaram do estudo 174 crianças com idade entre 2 e 5 anos. Dessas, a maioria 53,4% (n=93) estavam em isolamento parcial, 29,9% (n=52) estavam em isolamento durante o período de sete meses. Em relação aos dados socioeconômicos observou-se uma maior frequência da classe B1 e B2 66,1% (n=115) com renda média estimada entre R\$10.427,74 e R\$ 5.449,60, respectivamente. Além disso, 85,9% (n=110) das crianças e seus responsáveis eram residentes da região sudeste (Tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização do perfil sociodemográfico das crianças com idade entre 2 e 5 anos de idade. Brasil, 2020

Variável	% (n)
Isolamento Social	
Não	5,7% (10)
Parcialmente	53,4% (93)
Sim	40,8% (71)
Tempo de isolamento social^a	
3 meses	1,1% (1)
5 meses	4,4% (4)

6 meses	23,3% (21)
7 meses	57,8% (52)
8 meses	13,3% (12)

Região onde a criança reside^b

Norte	1,6 (2)
Nordeste	4,7 (6)
Centro-Oeste	3,1 (4)
Sudeste	85,9 (110)
Sul	4,7 (6)

Classificação Econômica, segundo Critério Brasil*

Classe A	21,3% (37)
Classe B1	31,6% (55)
Classe B2	34,5% (60)
Classe C1	9,2% (16)
Classe C2	3,4% (6)

Legenda: ^an=90; ^bn=128. *A= R\$22.716,99; B1= R\$10.427,74; B2= R\$ 5.449,60; C1= R\$ 3.042,47, C2= R\$ 1.805,91; D/E= R\$816,56

Com relação ao consumo de alimentos ultraprocessados durante o período pandêmico, foi observado o consumo de todos os grupos de alimentos ultraprocessados. Para a maioria das crianças, não houve alteração do consumo de hambúrguer e/ou embutidos 41,4% (n=72) e pizza 41,4% (n=72), por outro lado, 18,4% (n=32) e 31,6% (n=55) aumentaram o consumo respectivamente. Já o consumo de biscoitos recheados ou doces aumentou em 36,8 % (n=64) na amostra estudada. Em relação a ingestão de bebidas adoçadas e de macarrão instantâneo foi possível observar que 43,1% (n=75) e 42,5% (n=74) das crianças, respectivamente, não consumiam. Entretanto, destaca-se o aumento do consumo desses alimentos em 23,6% (n=41) para bebidas adoçadas e 21,8% (n=38) para macarrão instantâneo (Tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização da alteração do consumo de alimentos ultraprocessados de crianças com idade entre 2 e 5 anos de cidade, Brasil, 2020

Alteração no consumo de:	% (n)
Hambúrguer e/ou embutidos	
Aumentou	18,4% (32)
Diminuiu	4,0% (7)
Não alterou	41,4% (72)
Não consome	36,2% (63)
Bebidas adoçadas	
Aumentou	23,6% (41)
Diminuiu	4,6% (8)
Não alterou	28,7% (50)
Não consome	43,1% (75)
Macarrão	
Aumentou	21,8% (38)
Diminuiu	5,2% (9)
Não alterou	30,5% (53)
Não consome	42,5% (74)
Biscoito ou Doces	
Aumentou	36,8% (64)
Diminuiu	4,6% (8)
Não alterou	32,8% (57)
Não consome	25,9% (45)
Pizza	
Aumentou	31,6% (55)
Diminuiu	5,2% (9)
Não alterou	41,4% (72)
Não consome	21,8% (38)

DISCUSSÃO

No presente estudo observou-se a presença do consumo de todos os AUP, sendo o grupo dos biscoitos recheados ou doces o de maior frequência para o aumento na ingestão. Além disso, a maioria das crianças não alteraram a ingestão de hambúrguer e/ou embutidos e pizza durante o período pandêmico, apesar de mais da metade das crianças consumirem os mesmos. Diante do cenário vivido da pandemia da COVID-19 e com ela o período de isolamento social, esperava-se que a alimentação da população sofresse algum tipo de alteração neste período, sobretudo para o aumento do consumo de ultraprocessados, uma vez que as famílias buscaram comprar e armazenar alimentos com vida útil longa a fim de minimizar suas idas ao supermercado (CUSCHIERI; GRECH, 2020; RAPHAELLI et al. 2021).

A mudança no perfil alimentar não é algo restrito ao Brasil, a literatura demonstra que a ingestão de AUP consiste em um fenômeno mundial, desenvolvido a partir do surgimento de indústrias transnacionais de alimentos e acompanhado da redução do preço relativo desses produtos (SILVA, et al. 2019).

De acordo com Da Silva Vilela (2021), durante a temporada de confinamento as crianças foram mais suscetíveis à mudanças nas rotinas diárias, relacionamentos e comportamentos, sendo mais expostas aos efeitos adversos desse período. Nos hábitos alimentares, houve maior consumo de carboidratos refinados e gordura saturada, constatou-se o consumo de alimentos mesmo na ausência de fome, grandes quantidades e em curtos intervalos de tempo, que vinculam-se ao risco de ganho de peso.

Os motivos retratados que promoveram a mudanças no consumo alimentar infantil são: maior tempo livre, maior necessidade de comer para suprir o tédio, a alta exposição às telas, contribuindo para maior desejo e vontade de petiscar; elevada disponibilidade de alimentos em casa e modificações do apetite devido às alterações de horários (LIMA et al. 2022).

O presente estudo apontou que mais da metade das crianças estudadas consumiam biscoitos recheados ou doces, destes 36,8% aumentaram o seu consumo. Tais achados corroboram com uma investigação realizada com crianças matriculadas em uma creche sul mineira, na qual os autores apontaram que 78,1% das crianças aumentaram o consumo de doces ou biscoitos recheados durante o

período de pandemia (DE AZEVEDO et al. 2023). Outro estudo realizado com crianças e adolescentes de cinco países, incluindo o Brasil, demonstrou um aumento na ingestão de alimentos fritos e doces durante o período de confinamento (RUÍZ-ROSO et al. 2020). Outros autores mostram uma diminuição no consumo de frutas e verduras, bem como o consumo de frutas sendo adicionado a algum outro tipo de alimento, pelas crianças durante o período pandêmico (LIMA, et al. 2022).

No presente estudo, a maioria das crianças estudadas foram classificadas na classe econômica B e residentes da região sudeste. Apesar de possuir diversos estudos na literatura que apontam para associação entre fatores sociodemográficos, como renda e escolaridade, e a ingestão de ultraprocessados, os estudos são conflitantes (SILVA et al. 2019). Alguns autores apontam para relação e associam entre uma maior ingestão de AUP e uma diversidade alimentar baixa com menor renda e escolaridade dos pais, já outros estudos apontam que indivíduos com maior renda e escolaridade consomem em maior quantidade os AUP (PEREIRA et al. 2022; SPARREBERGER et al. 2015).

No que tange a família, Santos et al. (2020) aponta que o ambiente familiar é o principal influenciador e formador do comportamento e estilo de vida da criança, uma vez que as primeiras experiências alimentares irão se iniciar dentro de suas casas e serão acompanhadas pelos seus familiares. Assim, os pais ou cuidadores denominados responsáveis pela alimentação da família poderão ser facilitadores do consumo de alimentos não saudáveis pelas crianças, portanto, as ações que visem alterações do hábito alimentar infantil não devem ser centrados apenas na criança, mas em toda família o que assegura a oferta de uma dieta baseada em alimentos in natura e minimamente processados (BRASIL, 2019; DE COSMI; SCAGLIONI; AGOSTINI, 2017)

Com o cenário pandêmico, restrições devido a Covid-19 trouxeram mudanças na vida e rotina das crianças, que repercutiram na saúde das mesmas. Foi evidenciado como consequência ao período de contenção, o excesso de peso, resultante do impacto na saúde física e mental das crianças devido a obrigatoriedade de permanecerem em casa durante o dia inteiro, a falta de atividades físicas periódicas, a má alimentação resultante do consumo de alimentos de baixo valor nutricional e altos valores calóricos, açúcares e gorduras saturadas, além do aumento nos casos de ansiedade, depressão, distúrbios do sono, imagem corporal distorcida e dificuldades de relacionamento (DE SOUZA et al. 2022).

A maior praticidade das embalagens, o tamanho das porções, a disponibilidade de uma grande variedade de alimentos, a alta palatabilidade, a facilidade do consumo e a exposição assídua a propaganda destes alimentos amplia a chance de consumo de AUP (MONTEIRO et al., 2019; RUÍZ-ROSO et al., 2020).

Destaca-se que o perfil de uma dieta rica em AUP piora consideravelmente a saúde, comparada a uma alimentação rica em alimentos in natura, minimamente processados e processados. O aumento no consumo destes alimentos, inclui o aumento da ingestão de açúcares simples, gorduras e calorias, além de conservantes e sódio estando diretamente associado ao ganho excessivo de peso, hipertensão arterial e síndrome metabólica (RAPHAELLI et al. 2021).

O Ministério da Saúde recomenda que, nos primeiros anos de vida, o consumo de açúcares, enlatados, guloseimas e refrigerantes deve ser evitado, bem como a ausência de informação sobre os alimentos. Há uma forte associação entre a falta de conhecimento sobre os alimentos, influência da mídia e baixa escolaridade no processo de aquisição e consumo de alimentos ultraprocessados (DE AZEVEDO et al. 2023).

Acredita-se que o contexto familiar contribui para preferências, rejeições e comportamentos alimentares. De fato, quando as intervenções nutricionais envolvem a família, têm-se melhores taxas de sucesso. O ambiente familiar tem repercussão significativa no comportamento alimentar, assim, os pais devem fornecer um modelo adequado desse comportamento aos filhos, mesmo porque é na família em que se origina o padrão alimentar que pode durar toda a vida e esse padrão pode sofrer influências culturais (SANTOS, 2020).

Apesar dos achados, os resultados do presente estudo devem ser interpretados considerando suas limitações inerentes à pesquisa. A primeira limitação se dá devido ao caráter transversal do estudo, uma vez que este delineamento é pouco sensível para investigar condições de baixa prevalência, além de trabalhar com casos prevalentes do desfecho e coleta de dados ser realizada em um único momento, portanto, não permite a realização de associações de causa e efeito (BASTOS; DUQUIA, 2007).

Outra limitação é o uso de informações auto referidas, que estão sujeitas a vieses de memória e de subjetividade do indivíduo. Além disso, o uso de

questionários auto aplicáveis está suscetível a falhas de preenchimento e vieses relacionados às características individuais do respondente (MOREIRA et al. 2016).

Apesar disso, a divulgação de pesquisas por meio das redes sociais possibilitou a participação de brasileiros e brasileiras residentes nas diferentes regiões do país, o que permite que o estudo capte as individualidades de cada região. Além disso, o presente estudo evidenciou o aumento no consumo de AUP pelas crianças de 2-5 anos diante disso ele serve de alerta para os pais e órgãos públicos quanto aos tipos de alimentos que estão sendo ofertados para as crianças, portanto, a investigação contribui para que sejam abordadas novas estratégias e intervenções de modo a incentivar a adoção de uma alimentação adequada e saudável por toda família.

CONCLUSÃO

O estudo acima revela que houveram alterações no consumo de alimentos ultraprocessados pelas crianças de 2-5 anos durante o período pandêmico, sobretudo para o aumento do consumo de doces e biscoitos recheados. Diante dos resultados obtidos é necessário a realização de novos estudos de intervenção para avaliação da qualidade alimentar infanto juvenil nesta etapa de pós-pandemia e suas consequências, sendo oportuno adotar novas medidas de incentivo aos hábitos alimentares saudáveis, principalmente no âmbito familiar, desde a primeira infância e ações de educação nutricional.

REFERÊNCIAS

BASTOS, J. L. D.; DUQUIA, R. P. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Scientia Medica**, v. 17, n. 4, p. 229-232, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 265 p

CAFFO, E.; SCANDROGLIO, F.; ASTA, L. Debate: COVID-19 and psychological well-being of children and adolescents in Italy. **Child and adolescent mental health**, v. 25, n. 3, p. 167-168, 2020.

CANELLA, D. S. *et al.* **Ultra-processed food products and obesity in Brazilian households (2008–2009)**. PloS one, v. 9, n. 3, p. e92752, 2014.

CUSCHIERI, S.; GRECH, S. COVID-19: a one-way ticket to a global childhood obesity crisis?. **Journal of diabetes & metabolic disorders**, v. 19, p. 2027-2030, 2020.

DA SILVA VILELA, M. J. G. *et al.* Caracterização dos hábitos alimentares, antes e durante o período de confinamento, e do estado nutricional atual, em crianças dos Agrupamentos de Escolas do Concelho de Vila Verde. 2021.

DE AZEVEDO, J. L. *et al.* Caminho oculto da pandemia de COVID-19 na saúde e nutrição de crianças. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 11, n. 1, p. e6111-e6111, 2023.

DE COSMI, V.; SCAGLIONI, S.; AGOSTONI, C. Early taste experiences and later food choices. **Nutrients**, v. 9, n. 2, p. 107, 2017.

DE SOUZA, I. M. *et al.* Obesidade infantil na pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 4, p.14060-14069, jul/ago., 2022.

HOFFMAN, J. A.; MILLER, E. A. Addressing the consequences of school closure due to COVID-19 on children's physical and mental well-being. **World medical & health policy**, v. 12, n. 3, p. 300-310, 2020.

LACERDA, A. T. *et al.* Participação de alimentos ultraprocessados na dieta de escolares brasileiros e seus fatores associados. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2019034>

LANE, M. M. *et al.* Ultraprocessed food and chronic noncommunicable diseases: A systematic review and meta-analysis of 43 observational studies. **Obesity Reviews**.

2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/obr.13146> . Acesso em: 23.08.2022

LIMA, C. T. *et al.* , Hábitos alimentares de crianças e adolescentes e repercussões no decurso da pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e7011931549, 2022; <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31549> . Acesso em 23/06/2023.

MARTINS, A. P. B. *et al.* Participação crescente de produtos ultraprocessados na dieta brasileira (1987-2009). **Revista de Saúde Pública**, v. 47, p. 656-665, 2013.

MAZZON, J. A.; KAMAKURA, W. A. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. Editora Blucher, 2016.

MONTEIRO, C. A. *et al.* **Ultra-processed foods, diet quality, and health using the NOVA classification system**. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2019.

MOREIRA, I. J. B. *et al.* Perfil sociodemográfico, ocupacional e avaliação das condições de saúde mental dos trabalhadores da Estratégia Saúde da Família em um município do Rio Grande do Sul, RS. **Revista brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 11, n. 38, p. 1-12, 2016.

PEREIRA, A. M. *et al.* Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de uma Coorte de Nascimentos de Pelotas. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, 2022.

PILI, L. *et al.* **Critério de classificação econômica Brasil**. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), 2020. Disponível em: https://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2020.pdf

RAPHAELLI, C. O. *et al.* A pandemia de COVID-19 no Brasil favoreceu o consumo de alimentos ultraprocessados?, **Brazilian Applied Science Review**, Curitiba, v.5, n.3, p. 1297-1313 mai/jun., 2021.

RUIZ-ROSO, M. B. *et al.* Covid-19 confinement and changes of adolescent's dietary trends in Italy, Spain, Chile, Colombia and Brazil. **Nutrients**, v. 12, n. 6, p. 1807, 2020.

SANTOS, K. de F.; COELHO, L. V. I.; ROMANO, M. C. C. Comportamento dos pais e comportamento alimentar da criança: Revisão Sistemática. **Revista Cuidarte**, v. 11, n. 3, 2020.

SILVA, M. A. *et al.* O consumo de produtos ultraprocessados está associado ao melhor nível socioeconômico das famílias das crianças. **Ciência & saúde coletiva**, v. 24, p. 4053-4060, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Obesidade em Crianças e Adolescentes e COVID-19**. Nota de Alerta. Sociedade Brasileira de Pediatria. Grupo de Trabalho em Atividade Física. São Paulo: SBP, 2020.

SPARRENBARGER, K. et al. Ultra-processed food consumption in children from a Basic Health Unit. **Jornal de pediatria**, v. 91, p. 535-542, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Alimentação Infantil I: Prevalência de indicadores de alimentação de crianças menores de 5 anos: ENANI 2019.** - Documento eletrônico. - Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2021. (135 p.). Coordenador geral, Gilberto Kac. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/index.php/relatorios/>. Acesso em: 04.05.2023

VALVERDE, R. de F., *et al.* Panorama da relação epidemiológica entre obesidade infantil associada ao Covid-19. **Revista Artigos. Com**, v. 27, p. e7123-e7123, 2021.